ARCHIVO PITTORESCO

SEMANARIO ILLUSTRADO.

EDITORES PROPRIETARIOS, CASTRO, IRMÃO & C.ª

Assignatura, anno 2:000 réis — Caderneta mensal 200 réis — Numero avulso 50 réis. — Para as provincias remettido pelo correio, anno 2:200 réis.
Subscreve-se e vende-se no escriptorio, rua da Boa-Vista, 4 B, e nas lojas de livros do costume.

2.º ANNO — JULHO — 1858.



UMA SCENA D'AMOR FILIAL.

UMA SCENA D'AMOR FILIAL.

O quadro que o leitor tem presente foi devido a uma historia pathetica, cujo singelo enlace é util saber, porque encerra uma grande lição de moral. Mui facilmente se adivinha a scena tocante que alli se passa. Uma joven menina, cuja animada e angelica expressão desde logo nos captiva, afaga as cãs de seu velho pae, que se sorri para ella de prazer e gratidão. No fundo, e a uma janella, está sua irmã fazendo signaes ao namorado. Breve golpe de vista sobre o todo e actuaes entretenimentos d'uma e outra, basta para revelar e extremar bem o duplo fim a que o desenho se propoz: mostrar a differença das inclinações d'aquellas duas meninas. Que contraste! No rosto, acção e vestuario da primeira não vemos senão candura, provas d'aquella boa indole e extremado amor filial que Deus lá das alturas do ceo abençoa repassado d'intima satisfação, e que constituem a suprema ventura dos paes, modestia e compostura. Ao aspecto da segunda bem diversas são as reflexões que nos occorrem, e tristes os resultados que se agoiram. Alli só desenvoltura e perigosas tendencias transpiram. A vida desgraçada e lastimoso fim que esta teve, e as felicidades que o ceo derramou sobre a outra, provam que não nos enganâmos.

Maria (assim se chamava a primeira) foi uma menina que logo desde criança principiou a revelar, pela sua admiravel docilidade e certa indifferença para os bonitos, as qualidades eminentes que mais tarde lhe grangearam a sympathia e respeito de quantos a conheciam. Todos os seus brincos e entretenimentos consistiam em ajudar a mãe nas lides do trabalho domestico, dando, assim, grandes annuncios de que viria a ser uma mulher desembaraçada e boa dona de casa. Morria por estar ao pé do pae, homem assaz cultivado e muito dado á leitura, folheando-lhe os livros e fingindo que lia, esperançosa tendencia que o bom do velho aproveitou, constituindo-se elle proprio director da sua educação litteraria. Dotada de uma prodigiosa memoria e agudo espirito, aprendia facilmente, e quando tinha seis annos já sabia ler com muita perfeição. Pelo seu lado, a mãe acompanhava o exemplo de seu marido, iniciando-a nos faceis segredos da costura e dos outros misteres domesticos, de modo que aos dez annos estava Maria uma menina instruida, uma mulher completa e capaz de governar uma casa.

Joanna (como se chamava a outra), pelo contrario, em nada se assimilhava a sua irmã. Era muito preguiçosa, altiva e teimosa. Nunca quiz saber de estudo, nem de tudo aquillo que uma mulher precisa aprender. Estar na janella parecia ser uma das cousas sem a qual não podia viver, e logo aos sete annos (bem cedo) esta sua tendencia se definiu mui significativamente, porque principiou a enfeitar-se, e a passar a maior parte do tempo na janella, arranchando á má lingua com as visinhas, olhando fixamente para os homens, como via fazer ás namoradeiras, e reparando muito nas mulheres do *bom tom*. Quando passava alguma mais desenvolta, os seus olhos saltavam de curiosidade, e eil-a que logo, voltando para dentro, mal se sumia a elegante personagem, se punha no meio da casa e defronte do tremó, a estudar e imitar-lhe os requebros exaggerados. Em summa cresceu e com ella os vicios da sua indole, tornando-se a namoradeira mais afamada do sitio, a mais preguiçosa das mulheres e o traste menos util da casa. Baldados foram todos quantos esforços seus paes empregaram para modificar-lhe, sequer, as descuidosas inclinações que a desgraçaram e conduziram ao abysmo da miseria.

Maria contava treze annos e Joanna quinze, quando sua mãe caiu na cama para nunca mais d'ahi sair senão para o tumulo. A fatal doença durou um mez. Maria achou-se só n'este angustioso lance. A sua irmã pouco importou a doença da mãe. Como esta a vigiava bastante, e não a deixava, como se diz, pôr pé em ramo verde, antes a estimou. O pobre velho, esse fracos auxilios podia prestar, porque estava quasi entrevado. Portanto era Maria que tinha de tomar todo o peso do governo da casa e do tratamento. O juizo, desembaraço e caridade filial com que então se houve esta admiravel menina, foi objecto das maiores admirações e louvores. Durante o funesto periodo, e depois, só costume, tristeza, dor e saudade deram pela falta da enferma. Para a bondosa e valente Maria nunca o trabalho lhe trasbordou pelo tempo, nem a embaraçava a complicação do muito que tinha e queria fazer. Zombava das difficuldades que de ordinario, quando ha doenças, se oppõem á ordem e aceio de uma casa, conservando sempre na sua uma e outra cousa, sem jámais faltar aos cuidados do tratamento, que foi o mais exemplar, completo e desvelado possivel. Dir-se-hia que tinha quarenta mãos e multiplicados os sentidos. As noites perdia-as sentada á cabeceira do leito onde agonisava sua mãe, distrahindo-lhe as dores e as torturas da insomnia com meiguices e palavras de consolação, e rezando fervorosamente a Deus pelas suas melhoras. Custa a crer como não succumbiu a tantas fadigas e vigilias. Era Deus, a quem tão heroicas e sublimes acções aprazem, que a reanimava e lhe dava forças. Em fim, morreu a mãe, e, um anno depois, o pae, a quem Maria prodigalisou os mesmos cuidados e serviços. Apesar de muito haver querido a sua mulher e de estar quasi completamente paralytico, o bom do velho passou feliz os ultimos dias da vida, porque aquelle anjo lhe mitigou sempre a saudade e lhe fazia esquecer seu triste estado, com desvelos e carinhos continuos, não se tirando nunca de seu lado. As suas distracções, os seus passeios, a sua janella e os seus enfeites eram elle, só elle. Quando o via pensativo e contristado, saltava-lhe logo ao pescoço, e em quanto o não fazia rir, não descançava. É este o momento do quadro. Todos os seus empenhos consistiam em conserval-o alegre e distrahido não só de saudades, como dos pesares que experimentava pela desenvoltura e ingratidão da outra filha, que lhe não apparecia, senão rarissimas vezes, e para escarnecer d'elle.

Ficaram ambas desamparadas, porque não tinham mais parentes, e ás portas da miseria, porque seu pae deixára-lhes, apenas, vinte e cinco moedas. A nenhuma, porém, assustou o triste futuro que as ameaçava. Maria cria em Deus, confiava em si, e não havia para ella ninguem desgraçado senão por sua culpa ou falta de saude, nem cousa mais facil de arranjar do que dinheiro quando se sabia e queriá trabalhar. Como era muito instruida, pois tinha aprendido profundamente com seu pae a lingua portugueza, o francez, alguns preliminares das sciencias, e lido os seus livros, que eram todos bons, resolveu montar com aquelle dinheiro um modesto collegio de meninas. Joanna esperava ser muito feliz indo viver com um individuo, com quem, dois dias antes do pae morrer, já tinha fuga premeditada. Como Maria, por ser mais nova, nada podesse fazer sem consultar a irmã, propoz-lhe o seu pensamento, e n'essa occasião descreveu-lhe eloquentemente a critica posição em que se achavam, o futuro que as esperava se não cuidassem de ganhar honradamente o pão, e, pintando-lhe o mundo com as mais verdadeiras côres, exhortou-a a desviar-se do rumo errado que seguia, e a applicar-se ao trabalho. Mas a resposta que Joanna lhe deu foi descompol-a, chamar-lhe atrevida, dizer-lhe que não precisava dos seus

conselhos, e que tinha quem a sustentasse, vestisse e lhe désse dinheiro. Maria comprehendeu que o melhor partido a tomar era separar-se d'ella, e intentar sósinha o seu plano com a metade que lhe cabia das vinte e cinco moedas.

Quando esta scena se passava, adoecia gravemente a senhora de um rico negociante, casado e sem filhos, que morava no predio contiguo ao que habitavam as duas orphãs. Ora, a morte do velho espalhára-se muito pela visinhança, produzindo grande sensação, porque o finado era mui estimado de todos, em consequencia das virtudes que o adornavam, e não se fallava d'outra cousa, bem como do prestimo e raras condições de Maria. O negociante, que muito prezava e muito queria á esposa, lembrou-se logo da caridosa menina, e mandou-a chamar. Esta foi, e o negociante pediu-lhe para tratar sua mulher. É escusado dizer que Maria se prestou immediatamente a isso, menos pela necessidade, do que por seguir os impulsos da sua alma e do seu coração, que eram todos d'amor e caridade, adiando o seu projecto para depois. Tornou a casa para arranjar a sua roupa, os seus vestidos, segurar o seu pouco dinheiro, e despedir-se da irmã, que mordida de inveja e enraivecida lhe disse que escusava de voltar, pois ou não acharia ninguem, ou não lhe abriria a porta. E não lhe mentia, porque d'ahi a quinze dias desappareceu levando tudo comsigo.

A doença da mulher do negociante foi muito longa e penosa. A infeliz senhora padeceu sete mezes. Quando chegou a hora suprema chamou o marido e pediu-lhe que adoptasse a sua enfermeira como unico premio que recompensava os cuidadosos desvelos e inimitavel carinho com que durante tão longo periodo a havia tratado. E deu a alma a Deus abençoando Maria, abraçada a esta e ao marido.

O honrado homem assim o cumpriu tres dias depois, fazendo logo prévio testamento em que deixava todos os seus bens e fortuna á ditosa Maria.

Tal foi o merecido premio que esta menina teve das suas virtuosas qualidades.

Em quanto a Joanna, bem tristes resultados colheu da sua má cabeça e embriaguez de suas viciosas paixões. Quinze dias depois de sua irmã ir para casa do negociante, foi viver com um amante, que em breve a abandonou. Ora a estrada que se offerece ás mulheres n'este estado é a da prostituição. Prostituiu-se, e dez annos depois, quando a sua belleza já estava perdida, pedia esmola, que é o futuro da prostituição.

Esta historia, d'onde nasceu o pensamento do quadro que a precede, prova que Deus protege as virtudes e lhes prepara largos futuros de felicidades, tanto quanto abandona e despreza os vicios.

NOGUEIRA DA SILVA.

OS MONTENEGRINOS. [1]

O Montenegro ou Tsernogore fórma ha cerca de um seculo um estado independente, apparentemente mui fragil, mas na realidade quasi invencivel, pela sympathia de alguns milhões de rayas servios, aos quaes o seu territorio offerece um asylo franco sempre. Dominando a Dalmacia, a Hertsegovina e todo o norte da Albania, a longa cordilheira do Tsernogore estende-se em face da Italia como o antemural do povo servio. É por ella que mantem communicação com a Europa, e em torno dos seus gloriosos cabeços que todos os insurreccionados greco-esclavonios se congregam. As luctas heroicas de que é constantemente theatro exaltam um povo inteiro que, indomavel, apesar de vencido e desmembrado, julga finalmente ser chegada a hora da sua emancipação.

No seculo XVII, segundo as relações venezianas, este pequeno povo não se compunha de mais de 20 a 30:000 almas. Contava cerca de 50:000 quando começou a lucta com os francezes, senhores da Dalmacia. Vinte annos depois as estatisticas elevavam esta cifra a 75:000; e finalmente a *Grlitsa*, almanach official de Tsetinié, declarou em 1835 que o paiz encerrava 100:000 habitantes. Tomando em linha de conta o augmento territorial do Tsernogore, póde sem exaggeração fixar-se em 120:000 o minimo actual d'esta população livre. Sabe-se com mais certeza o numero dos seus guerreiros: o contingente dos quatro *nahias* (departamentos) é fixado em 9:000 espingardas ou combatentes, dos quaes pertencem ao de Katounska 3:500, ao de Rietchka 2:000, ao de Liechanska 1:000, e ao de Tsernitsa-Nahia 2:500. Ao contingente d'estes quatro *nahias* deve acrescentar-se o dos *berdas*. Dá-se este nome ás sete montanhas que cercam o territorio montenegrino. Estas montanhas não fazem parte do Tsernogore, mas as tribus que as povoam são alliadas d'aquella republica. A população reunida das sete *berdas* é talvez tão consideravel como a dos quatro *nahias* juntos. De sorte que, apesar da *Grlitsa* de 1835 não contar mais de 15:000 combatentes, a *Gazeta dalmata* de Zara, em dezembro de 1838, avaliando as forças do Tsernogore, não receia eleval-as a 19:500 guerreiros bem adestrados. É muito pouco, dir-se-ha talvez, para defender um paiz! Mas toque uma só bala nos rochedos da fronteira, e de todos os lados sordirão braços e carabinas; velhos, crianças, mulheres mesmo, tudo se levantará contra vós; tereis tantos inimigos decididos quantas almas existem por aquellas montanhas. O Tsernogore não é um povo regularmente constituido, é um campo de insurgidos que busca a sua vida na guerra e as suas alegrias na vingança. Está este paiz de tal sorte alheio a todas as condições da sociedade civil no oriente, que o direito de cidade, com grande escandalo dos outros servios, é ahi indifferentemente concedido a homens de todas as religiões. Os catholicos latinos são mui numerosos, e até se recebem alli turcos, que constituem uma tribu distincta, e combatem fraternalmente com os christãos, continuando a acreditar no korão e a manter uma mesquita.

Os visinhos occidentaes dos montenegrinos attribuem-lhes todavia as mais grosseiras superstições: o montenegrino, dizem elles, julga que tudo lhe é permittido, com tanto que pague a dizima aos frades, e reparta com os conventos dos despojos das *tchetas* (correrias). Entre os christãos do oriente, pelo contrario, elle passa, e com razão, por um espirito forte. Com effeito, envolvidos na vida politica, inteiramente entregues aos seus projectos de guerras e de conquistas terrestres, os republicanos do Tsernogore curam pouco do ceo. Os seus conventos são muito mais pobres que os do resto da Turquia; e ao passo que entre os outros servios um homem que não commungasse ao menos uma vez cada anno seria considerado como um verdadeiro *giaour* (turco), entre os montenegrinos o numero dos que não commungam excede o dos christãos ferventes. E, todavia, os montenegrinos não desprezam os santos mysterios; se se abstem de certas praticas religiosas, é por obedecer á egreja, que nega os sacramentos a todo o montanhez possuido do sentimento de odio, e que impõe a expiação publica logo que esse odio se tem saciado. A communhão é, pois, interdicta ao assassino por espaço de vinte annos. O montenegrino a final vem a achar este estado de peni-

(1) A guerra mortifera ultimamente travada entre os montenegrinos e os turcos tem excitado a universal attenção, e todos, com razão, admiram que um povo tão diminuto, e absolutamente desajudado, possa com vantagem sustentar uma lucta similhante com uma nação que, apesar de decadente, póde ainda considerar-se de primeira ordem. Pareceu-nos pois que era esta a occasião mais opportuna para offerecer aos leitores do *Archivo* a noticia, que hoje encetâmos, sobre este heroico povo, a qual extractámos de um excellente estudo de M. Cyprien Robert sobre os greco-esclavonios.

tente mui commodo para o seu viver aventuroso, e prefere-o á vida menos livre e menos facil dos verdadeiros fieis: a maior parte d'estes guerreiros esquece-se até por fim da oração dominical, conservando apenas do christianismo os jejuns e o signal da cruz; mas, á medida que augmenta a sua ignorancia religiosa, cresce a sua intelligencia da vida militar e politica.

Comtudo, em cada tribu ha uma egreja, e ás vezes mais: ha, além d'isto, quatro ou cinco mosteiros, sendo os mais notaveis os de Ostrog e de Moratcha. Em todo o Tsernogore não existem mais de quinze a vinte frades, auxiliados por perto de duzentos *popes*; o proprio convento de Tsetinié tem apenas um unico frade. Estes frades tem um viver mui austero, e distinguem-se dos religiosos gregos sómente pelo solideo, que é o *fez* vermelho, cingido de um lenço de seda á maneira de turbante. O proprio *vladika*, chefe religioso e politico do paiz, traja como os demais padres, e por isso na Turquia chamam-lhe o *religioso negro*.

Em parte alguma do globo ha tão completa egualdade como no Montenegro; mas o principio de egualdade, tal como é comprehendido e praticado pelos esclavonios, não ameaça os direitos e a existencia da familia, como as theorias que se fundaram em França sobre o mesmo principio. Cada servio, gozando da sua independencia, continúa a ser dedicado aos interesses communs; quasi nunca se separa dos seus parentes. Eis a razão por que as familias são tão numerosas, que uma só basta muitas vezes para formar uma aldeia de alguns centenares de casas, em que os habitantes, todos parentes e do mesmo nome, apenas se distinguem entre si pelo prenome baptismal.

Cada familia tem um chefe que escolhe e a dirige. Este viver patriarchal cria entre os parentes a mais intima solidariedade, não podendo um ser lesado sem que todos os outros tomem a sua defesa. D'ahi as vinganças hereditarias, as guerras entre as familias, consequencias exaggeradas de um principio eminentemente conservador. O mal produzido por estas guerras tem felizmente certa compensação, que é fortificar no montenegrino o sentimento da dignidade pessoal, levando-o a considerar como uma grande desgraça toda a contestação com os seus compatriotas; no auge da colera, ouvem-se bradar: *Ne ou krv, bog ti i sveti Jovan*, em nome de Deus e de S. João, não nos gladiemos!

Uma lei promulgada pelo ultimo vladika revela o caracter d'esses homens: todo o montenegrino, diz aquella lei, que bater em um dos seus concidadãos com o pé ou com o *tchibouk*, póde ser morto pelo offendido, sem que este soffra por isto mais do que se matasse um ladrão em flagrante. Se o offendido contiver a sua colera, o offensor deverá pagar-lhe cincoenta ducados de multa, e egual quantia aos *staréchines* do tribunal.

É talvez superfluo dizer que não ha mendigos no Tsernogore. Em occasiões de escassez, o que aliás acontece frequentes vezes, os indigentes vão desassombradamente a casa dos opulentos pedir que lhes emprestem já pão, já dinheiro, promettendo satisfazer em epocha fixa, ou deixando como penhor as suas magnificas armas. As lojas de Boudoa e de Kataro estão cheias de armas que alli se empenharam e não foram resgatadas.

A guerra contra os musulmanos é para estes montanhezes uma tarefa quasi quotidiana; velhos e crianças todos lá correm enthusiasticamente como ao martyrio. Os aleijados mesmo pedem que os conduzam ao combate; assentados atraz d'algum penedo carregam as armas e disparam sobre o inimigo. É de tal sorte mortifera similhante guerra, que acaba sempre ceifando o maior numero dos que n'ella tomaram parte. Morrer no campo da batalha é o que elles mais ambicionam; e os montenegrinos d'aquelle que morreu de morte natural dizem que foi morto por Deus, *o velho matador, od boga, starog kwnika*. O maior insulto que se póde dirigir a um montenegrino resume-se n'estas simples palavras: «Eu conheço a tua familia; todos os teus avós morreram na cama.»

Os proprios monges andam armados, combatem e sustentam nos seus mosteiros os assaltos dos musulmanos. Ainda mais secularisados que os padres, os popes não usam já a comprida barba e o barrete preto que costumam trazer nos outros paizes servios; rapam, como os guerreiros, a barba e metade do craneo, e não se distinguem das suas ovelhas pelo trajar. Assistem a todos os combates, tomam até parte nas *faidas* entre familias; como a egreja não permitte que os seus ministros derramem sangue humano, preferem, como os nossos antigos bispos feudaes, excitar os combatentes, ou desancar o inimigo, em vez de o ferir com armas cortantes!

Em guerra cada um traz comsigo os viveres e munições que comprou. Os armazens de polvora que o *vladika* tem de reserva só se abrem ao povo em casos de maxima urgencia.

Accusam os montenegrinos de promoverem a guerra unicamente com o fito de roubar. É certo que os pobres fazem ás vezes excursões no territorio turco para arranjarem gado e dinheiro; mas em compensação os homens ricos dirigem muitas vezes as suas expedições sem outro fim que alcançar gloria, servindo a sua patria.

(Continúa). P.

LISBOA VISTA DO PRAGAL, NA OUTRA-BANDA.

Aportando, na *Outra-banda*, á praia, chamada *forno do tijolo*, por n'ella haver uma fabrica d'este producto, e ganhando o cume da montanha que a domina quasi perpendicularmente, acha-se o viajante n'um logar, conhecido pelo nome de *Pragal*, d'onde descobre o mais rico e variado panorama.

Não falta que ver e admirar d'ahi.

Obras da natureza e dos homens, isto é, paizagens amenas e agrestes, serras, planicies, mar, vasto ceo, cidade e monumentos historicos; tudo em larga cópia se lhe desenrola aos olhos maravilhados.

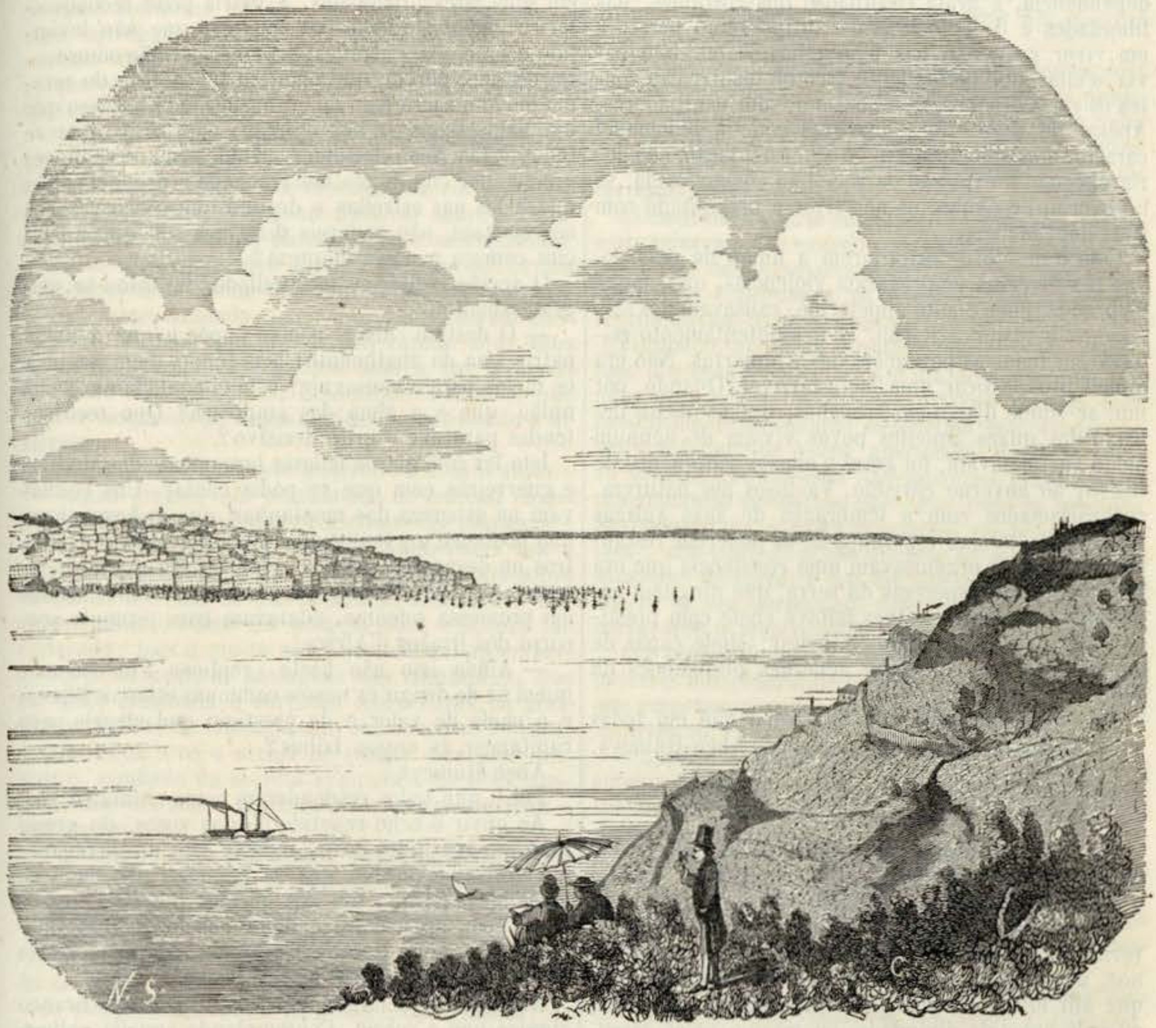
Pela esquerda, a barra e o Oceano perdendo-se no infinito dos ceos; á direita, Seixal, Barreiro, e Alcochete, transpirando vagamente por entre os vapores de longinquos horisontes; a seus pés, a vastidão do Tejo, de cuja superficie, banhada pelos raios de um sol sem rival, parece saír e mover-se luz; na frente, surgindo das aguas prateadas do tranquillo rio, a vistosa, a pittoresca, a invejada Lisboa; ao lado d'esta, desdobrando-se até á barra, uma cumiada de montanhas, onde, por entre o matiz dos campos, se vê o colossal palacio d'Ajuda, o famoso templo dos Jeronimos e a elegante torre de Belem, fallando-nos de riquezas e glorias passadas; para além de tudo, e tudo dominando, a magestosa Cintra, erguendo-se sobre as nuvens, indecisa e vaporosa, como para nos accelerar a cobiça d'irmos de perto contemplar a maravilha do seu aspecto.

Eis a fecunda perspectiva, que do *Pragal* a vista abraça, e de que a gravura representa uma parte, Lisboa.

Quando o leitor estiver triste aconselhâmol-o a que vá para o *Pragal*, e se sente no mesmo logar d'onde tirámos o desenho, e cremos que, ao desafogar os olhos e espraiar os sentidos por tão vasto e magico panorama, o coração se lhe alliviará.

NOGUEIRA DA SILVA.

LISBOA VISTA DO PRAGAL, NA OUTRA-BANDA.



FINAL EXPULSÃO DOS SARRACENOS DA PENINSULA.

AS ALPUJARRAS.

I.

Ao cair d'uma tarde, no anno 1568, caminhavam por um dos estreitos e sinuosos atalhos, que conduzem ás aridas e escalvadas coroas das Alpujarras, dois individuos embuçados em amplos alquicés. Já os valles profundos e suas povoações estavam mergulhados na escuridão, quando ainda no alto das montanhas se desfructava a luz do crepusculo. Entretanto os dois caminhantes, sem cortarem a conversação animada que levavam, apertavam o passo como se temessem ser surprehendidos pela noite, no meio d'aquelles intrincados desfiladeiros.

— Prudente determinação foi (dizia um d'elles) escolher esta noite para a reunião solemne. Não vêdes aquella agglomeração de nuvens escuras que encobre o horisonte? Em breve se estenderá e cobrirá todo o ceo, de modo que nem a lua poderá descobrir-nos. Tudo promette que a noite será escura e favoravel aos nossos intentos.

— Oxalá! (respondeu o outro que parecia mais velho) oxalá que das suas trevas nasça a aurora brilhante da nossa liberdade!

— E porque não? Uma só cousa faltava para isso; era a consolidação dos esforços, a união das tribus, até aqui rivaes. Esta mesma noite tudo ficará seguro.

— Crês? Pela minha parte temo que a ruina do imperio, a perda da formosa Granada, não tenham sido ainda lição sufficiente para extinguir os odios hereditarios, que tão violentamente actuam no nosso povo. Temo por isso que esta nova empreza não seja mais que uma loucura, que aggrave a nossa situação.

— Oh! não! O dia da vingança está chegado. Mudareis de opinião quando fordes testimunha dos heroicos sentimentos de nossos irmãos, que n'este momento acodem, como nós, ao ponto ajustado!

E com effeito acudiam. Quem podesse dominar a vista de passaro os desfiladeiros da montanha, descobriria uma multidão de sarracenos, que saía com precaução das povoações, e se encaminhava apressada para o logar do encontro. Guardas avançadas ou de precaução os detinham em certas paragens para os reconhecerem por meio d'uma senha particular já convencionada. Só depois os levavam ao sitio recondito onde deviam reunir-se os chefes principaes, representantes do poder musulmano na peninsula.

Antes de dar conta d'esta reunião é necessario conhecer o motivo d'ella, e qual o estado da Hespanha n'aquella epocha. Havia annos que o estandarte da cruz tremolava nas torres de Granada. O dominio

dos reis de Hespanha tinha-se estendido por todo o territorio dos antigos monarchas granadinos; mas nos elevados cumes das Alpujarras, nem o dominio se havia consolidado inteiramente, nem a religião catholica feito grandes progressos. O espirito de independencia, a grata recordação dos costumes, das liberdades e da opulencia do antigo reino persistia em viver refugiado nas montanhas, e por isso havia n'ellas um permanente foco de insurreição contra os reis christãos, que consideravam usurpadores. Apesar de tudo, ter-se-hia reprimido o indomavel caracter dos montanhezes, e a fermentação não teria chegado á explosão de rebellião consummada, se o governo hespanhol os não tivesse precipitado com suas imprudencias.

Com o desejo de estreitarem a união de dois povos tão diversos empregaram violencias, que, longe de produzirem o effeito appetecido, causavam nos sarracenos a maior agitação. O descontentamento reinava em todas as povoações das Alpujarras. Não era difficil prognosticar uma lucta terrivel. Quando, por fim, se soube d'algumas tropelias, que os pactos debaixo dos quaes aquelles povos viviam de nenhum modo auctorisavam, foi geral n'elles o sentimento de resistir ao governo christão. Vaidosos por natureza, enthusiasmados com a lembrança de suas antigas instituições, e com esperança de as poderem restaurar, os mouros organisavam uma resistencia que era para temer nas asperezas da serra, que ninguem como elles conhecia. Só lhes faltava chefe com prestigio, capaz de os organisar e dirigir; chefe capaz de fazer frente aos veteranos generaes hespanhoes de Filippe II.

Era justamente por aquelle tempo que em todas aquellas montanhas resoava o nome de Aben-Humeya.

II.

No mais intrincado das Alpujarras ha uma caverna espaçosa, maravilhosa obra da natureza, que foi o asylo impenetravel, o refugio sarraceno.

Foi debaixo d'aquellas elevadas abobadas, que se verificou a clandestina reunião dos chefes musulmanos, não bastando tão vasto recinto para conter os que alli foram levados pelo enthusiasmo patriotico, ou pelo amor da divindade, ou mesmo pelos resentimentos pessoaes.

Singular aspecto apresentava aquella numerosa assemblea, pelos trages variados e pittorescos, e pelos rostos torrados pelo sol do meio-dia, apenas sombreados por alvissimos turbantes. O reflexo de alguns lumes, cuja luz baça se perdia nas escuras anfractuosidades da caverna, ainda o fazia mais phantastico. Em recinto ignorado conservavam ainda um dos antigos estandartes musulmanos, insignia venerada, salva da ruina de Boabdil, e religiosamente guardada pelos alfaquires do povo mourisco. Á vista da assemblea o desenrolaram, como para inflammal-a com a sua vista, e prestar novo vigor aos seus fogosos discursos.

— Sim (dizia o animoso Abensaid), chegou o momento de manifestar ao mundo os sentimentos do nosso coração. Quem d'entre nós não tem padecido as maiores injurias e vexações? Quem não tem altas offensas a castigar?... A hora da vingança está chegada. Despregado de novo ao vento da guerra este abatido pendão do islamismo, recordando aos musulmanos o mais santo dos deveres, os convida a pelejar á sua sombra, ou a morrer na contenda.

Este e outros similhantes discursos produziam grande enthusiasmo na parte mais moça do auditorio; mas os velhos, os que tinham assistido á derrota de Boabdil, os que ainda conservavam profundas cicatrizes dos golpes recebidos das espadas castelhanas, longe de tomarem parte no transporte geral, meditavam profundamente.

— Vejo (exclamou um dos chefes) que ainda ha valentes que sáiam em busca da morte no campo de batalha, antes de esperarem a que receberão em fim em seus lares profanados. A patria póde reconquistar-se! Maldição sobre os cobardes que não levantam o braço para arrancal-a a uma servidão odiosa... Parece-me, porém, que nem em todos arde do mesmo modo o sacro fogo do enthusiasmo. É preciso que ninguem esconda a sua opinião; é preciso saber se todos estão bem decididos. Abulcacim, respeitavel oraculo por cuja bocca nos responde o propheta; vós que ledes nas estrellas o destino que o céo reserva aos mortaes, não podereis dizer-nos sob que auspicios começa a nossa empreza?

O ancião, vendo-se interpellado, levantou-se magestosamente.

— O destino (disse) não se oppõe a que a nossa patria sáia do abatimento; mas tendes bem seguros os meios para o conseguir? está cimentada em vós a união, que é a alma das emprezas? Que recursos tendes para dar o grito decisivo?

Isto fez com que se fallasse largamente dos auxilios e guerreiros com que se podia contar. Uns confiavam na aspereza das montanhas, que os hespanhoes não podiam a um tempo atacar por muitas partes; outros no descontentamento e indignação que fermentavam nos povos recem-conquistados; e todos, fiados em promessa solemne, contavam com prompto soccorro dos irmãos d'Africa.

— Ainda isso não basta (replicou Abulcacim): quem ha de dirigir os nossos communs esforços? quem é o chefe de valor e de prestigio que elegeis para capitanear as nossas tribus?

Aben-Humeya!

Foi o que todos responderam como n'uma só voz.

Ao ouvir o echo repetido d'estas vozes, do grupo que formava junto do estandarte saiu um arrogante e vigoroso mancebo, que se adiantou até meio da assemblea, porque um dos anciãos lhe dizia:

— Vem, illustre descendente dos nossos reis! Chega, inclito Aben-Humeya, e acceita das mãos d'este povo a gloriosa missão de o salvares!

Aben-Humeya largou sobre as espadoas o branco alquicé que o cobria. Contemplando aquella galharda e magestosa figura, a resolução e valor pintados n'aquelle semblante, todos o saudaram, gritando:

— Viva Aben-Humeya!...

Grande numero de sarracenos, que estavam á entrada e fóra da caverna, e muitos echos das montanhas, repetiram este grito.

Aben-Humeya chegou-se então ao estandarte de Granada, e estendendo para elle o braço, como para tocar-lhe com as pontas dos dedos, exclamou:

— Musulmanos! O estandarte do propheta vae tornar a tremolar em campo aberto á vista do inimigo. Eu o conduzirei á frente dos meus esforçados companheiros, á frente dos que quizerem seguir-me a reconquistar nossos direitos. Por este sagrado pendão vos juro que, ou morrerei na contenda, ou apressarei o dia da nossa regeneração gloriosa!

Tal foi o primeiro grito da mourisca insurreição das Alpujarras.

III.

Era uma triste e fria noite do mez de dezembro. Um vento glacial sibilava pelas desertas ruas de Granada. Os sombrios torreões, que tanta confiança inspiravam aos habitantes, agora, adormecidos, projectavam sombra escura sobre a espessa capa de neve que, como branco sudario, cobria toda a campina, estendendo-se até ás montanhas distantes. A obscuridade

que reinava no campo não era completa, mas sim um confuso luar que nas arvores, despidas de folha, nos penhascos aridos, e nas muralhas elevadas, produzia mil effeitos pittorescos.

Em meio d'esta noite tão lugubre e tão fria, quando mais solitarias estavam as ruas de Granada, e mais entregues ao somno os habitantes, um ruido confuso começou a levantar-se no meio da cidade, ao qual succederam logo toques de rebate e repetidos gritos de alarma.

A cidade acabava de ser invadida pela parte do Albaicim, e os invasores, brandindo cimitarras e alfanges, ou agitando fachos incendiarios, correndo por uma e outra parte, pareciam destacar sobre a claridade da neve sombras phantasticas e ameaçadoras. Eram os sarracenos das Alpujarras, que acabavam de precipitar-se, como impetuosa alluvião, das montanhas sobre Granada, onde lhes não faltavam partidarios. Vinham recobrar a sua capital e os seus lares, vinham tentar o ultimo esforço em favor do seu culto e das suas leis. Era um povo inteiro, que queria vingar-se de largos annos de abatimento e de ultrajes.

Coberto com o turbante guerreiro e com o alquicé de largas pregas, um musulmano de marcial continente, de fórmas robustas e gigantescas, animava e dirigia os invasores. O animoso Aben-Farax era o caudilho que por ordem de Aben-Humeya caíra sobre Granada, á frente de uns poucos de temerarios. Recebêra mais de seis mil homens para empreza tão arriscada; mas a muita neve que sobreviera embargou por tal modo as passagens nas montanhas, que na noite destinada á surpreza Aben-Farax só pôde chegar á vista de Granada com uns duzentos homens, e com elles teve o arrojo de passar além dos seus muros, confiado na secreta sympathia de seus compatriotas, julgando, em todo o caso, grande falta o retroceder.

Tornando a si os habitantes, passados os primeiros momentos de surpreza e de turbação, cuidaram na defesa, e acudiram ao logar do perigo.

—Ás armas!... Ás armas!...

Era o grito que resoava em todas as casas e ruas da cidade.

A pequena guarnição já peleja valentemente; de uma e de outra parte cruzam-se frechas e balas d'arcabuz; em breve chegam ás lanças e ás espadas! Os sarracenos, apertados por todos os lados, concentraram-se no Albaicim, desalentados principalmente pelo seu pequeno numero, causa de os moradores d'aquelle bairro se não declararem a seu favor. Desesperados de conseguirem o seu fim; satisfeitos com terem dado aquella prova do seu valor; guiados por Aben-Farax, saíram de Granada quasi triumphantes, e tornaram ás montanhas, seu paiz predilecto, que estavam resolutos a defender, e onde tão custoso seria vencel-os.

IV.

Pela atrevida surpreza de Granada se pôde apreciar em todo o valor e consequencias a importancia da rebellião mourisca que até alli mal se podia acreditar. Já não eram vagos rumores e suspeitas de conjuração, era a funesta realidade que inquietava os governadores das praças christãs, ás quaes Filippe II enviou immediatamente reforços, pondo o marquez de Mondejar á frente das tropas expedicionarias.

Mas estes meios eram ainda insufficientes para suffocar a rebellião.

Apenas se divulgára a noticia do levantamento das Alpujarras, e o povo sarraceno soube que de novo tremolava o estandarte do propheta, correu pressuroso a reunir-se aos sublevados. Uma multidão de homens, mulheres e até crianças, todos desesperados, todos vingativos, se reuniu, e tornou a figurar, em pequeno, as antigas tribus com suas côres, divisas e emblemas. Todos os disseminados restos do poder musulmano na peninsula, todos os fugitivos do paiz conquistado estavam reunidos nos fragosos cimos das Alpujarras.

Os capitães hespanhoes não perderam tempo para refrear o movimento, que tão rapidamente se propagava; mas os destacamentos que, com mais valor que prudencia, se internavam nas agruras da serra, tinham que retroceder dizimados pelas frechas, tão certeiras como invisiveis.

Aben-Humeya fazia entretanto rapidos progressos, e organisava o seu exercito. Senhor já das povoações do centro das Alpujarras, fortificava os pontos importantes, e occupava os passos difficultosos, que resguardavam as fronteiras do seu novo reino.

Filippe II, anciando terminar esta rebellião, temeroso dos seus resultados, e d'um desembarque que, para soccorrel-a, os mouros d'Africa podiam fazer nas costas de Hespanha, despachou com tropas novas o marquez de Velez, governador de Murcia, novo general que tambem não adiantou grande cousa nos repetidos encontros que teve com os rebeldes. Se conquistava alguma povoação, ou ponto importante, não conseguia assenhorear-se das cavernas e asperezas da serra, e por fim até mesmo em campo aberto se viu perseguido pelo victorioso Aben-Humeya, que o teve cercado em Adra.

Era preciso fazer o ultimo esforço, e enviar ás Alpujarras um general de prestigio, pessoa qualificada, que empregasse todos os recursos, e acabasse com a insurreição.

Filippe II comprehendeu-o assim, e destinou esta submissão dos mouros para primeiro feito d'armas de seu irmão D. João d'Austria, filho natural do imperador Carlos V.

O joven general distribuiu todo o seu exercito em pequenas divisões, que mandou penetrar a um tempo por differentes pontos das Alpujarras, e fazer aos mouros guerra de exterminio sem tregua nem descanso.

Apesar de tudo, o triumpho de D. João não fôra tão rapido, se não viesse em seu favor a discordia, condição fatal e inevitavel do povo musulmano, até nos seus mais bellos dias de prosperidade. A fortuna de Aben-Humeya suscitára-lhe inimigos, tão invejosos como implacaveis; inimigos entre aquelles que d'antes eram seus eguaes, e que depois recusavam obedecer-lhe. O infeliz chefe foi assassinado n'uma conspiração dirigida pelo feroz Aben-Abó, que se apoderou sem resistencia do governo e commando das tropas. Mas, apesar da sua audacia, não pôde obstar aos progressos de D. João, cujas tropas avançavam por todas as partes. Os mouros diminuiam de dia para dia; cada penhasco era theatro d'alguma sanguinolenta catastrophe; cada novo sol presenciava a infausta sorte de novas victimas. Vendendo caras as vidas, fazendo vigorosa defesa, os mouros reputavam-se ditosos em expirar pela liberdade e pela patria; mas em fim com elles perecia tambem a patria.

Tantas desgraças fizeram que os mais avisados entre elles e os que com mais impaciencia soffriam o dominio de Aben-Abó tratassem de acceitar as condições que D. João d'Austria lhes propunha, porque este animoso general suspendia ás vezes o curso dos seus triumphos para fazer promessas conciliadoras, e offerecer generoso perdão. Com grande surpreza se soube que Aben-Abó, ufano com o seu usurpado poder, e contando com soccorros d'Africa, resistia a toda a idéa de paz e submissão. Para dar prova energica de que só desejava guerra de morte, até man-

dou matar publicamente o emissario, que havia entrado em ajustes com os christãos, tendo-o, sem embargo, feito, segundo voz do povo, com acôrdo do mesmo Aben-Abó.

O duque dos Arcos, commandante de um dos destacamentos mais avançados, sabedor d'estas cousas, ia precipitar-se sobre os rebeldes para dar-lhes o ultimo golpe, quando varios emissarios se lhe apresentaram, e arrojando a seus pés o ensanguentado cadaver de Aben-Abó, acompanhado do seu estandarte e da sua cimitarra, lhe disseram:

— Ahi tendes o vosso implacavel inimigo! Não podendo trazel-o vivo, fizemos como o bom pastor de gado, que ao menos apresenta a pelle da fera.

Foi assim que terminou a funesta insurreição das Alpujarras, que para sempre foram occupadas por castelhanos victoriosos. Os sarracenos soffreram toda a lei do vencedor, e toda a dureza de que em certas occasiões Filippe II sabia revestir-se. Para cumulo de sua desventura, Filippe III, cedendo mais a um exaggerado zêlo religioso, do que a considerações politicas, decretou o seu desterro e trasladação ás areias d'Africa.

V.

Muitos annos são passados depois d'esses successos; mas a lembrança de Granada, de seus deliciosos valles, de suas pittorescas montanhas, ainda não pôde extinguir-se entre os musulmanos: ainda vive com toda a animação nos que permanecem fieis aos costumes de seus paes, embora estejam concentrados no interior d'Africa.

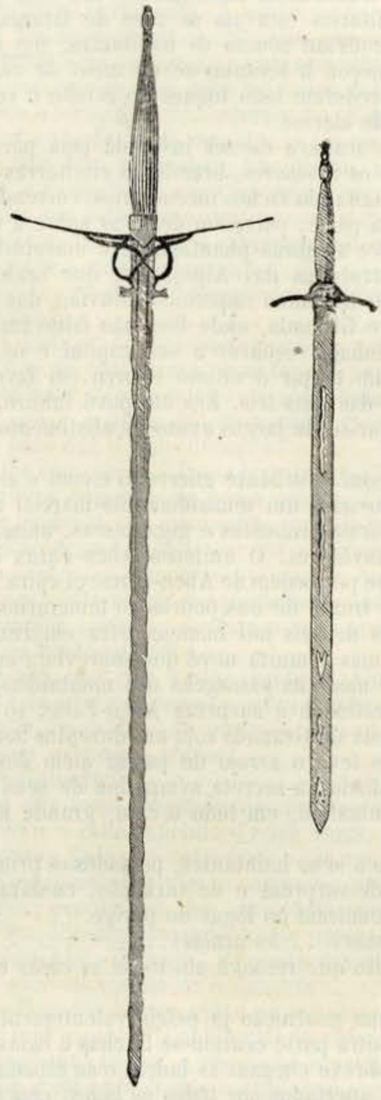
Antes dos europeus serem senhores das costas, e os desterrarem para o interior do paiz, vinham muitas vezes contemplar dos altos promontorios, que dominam as ondas azuladas do Mediterraneo, aquella Hespanha que nunca perderam a esperança de recobrar; aquellas longinquas terras, onde repousam as cinzas de seus antepassados. O soberbo panorama que se desenrolava á sua vista com razão lhes augmentava a afflicção, e dava mais realce á magestade da scena. A seus pés o mar tranquillo emmudecia a grande voz de suas ondas, e apenas ligeira viração levantava algumas, que iam perder-se mansamente nas costas suspiradas. Ao longe viam na peninsula as cadeias de montanhas, e os valles que as separam; e distinguiam entre todas as que, sempre cobertas de neve, dominam a cidade querida. Para ella volviam o rosto como para aspirar a fresca briza da Serra Nevada, e recrear os sentidos com os embalsamados perfumes da Veiga. Em suas ardentes supplicas pediam ao ceo lhes restituisse aquella patria, cuja recordação não podiam riscar da memoria; e quasi se criam transportados a ella na sua grata illusão. Mas a voz do alfaquir os tirava do seu extasis exclamando dolorosamente:

— Oh! Granada, a mais formosa entre as cidades! Onde está tua grandeza e poderio? Que é feito de teus guerreiros, de tuas festas, do teu renome? Teus filhos desterrados, talvez mesmo tuas brilhantes tribus estão dispersas para nunca mais se reunirem! Assim estava escripto! Os filhos de Boabdil vieram juntar-se aos filhos de Ismael. O deserto d'Africa, sua primeira patria, parece tambem destinado a ser-lhes d'ultimo asylo!...

ESPADAS DE D. VASCO DA GAMA, E DE D. NUNO ALVARES PEREIRA.

A pequena gravura que acompanha estas linhas representa duas cousas grandes, grandes nas dimensões, grandes na celebridade, duas das curiosidades que, na recente exposição philanthropica, mais prendiam a attenção dos visitantes, pelas lisonjeiras e gloriosas recordações que lhes despertavam.

São as espadas de D. Vasco da Gama e de D. Nuno Alvares Pereira, valorosas laminas a que Portugal deve muitas das victorias que o ennobreceram e o fazem ainda hoje venerando.



A primeira figura é a espada de guerra de que o immortal descobridor da India se servia nos combates navaes. Tem 1 metro e 73 centimetros de comprimento, altura d'um homem regular, incluindo folha e copos. Davam-lhe o nome de *montante*, e pelejava-se com ella agarrando-se-lhe com ambas as mãos.

Esta valiosissima memoria pertence ao sr. marquez de Niza, nobre descendente do illustre heroe.

A segunda é menor nas dimensões, mas não nas acções de famoso valor que praticou. Tem 1 metro e 7 centimetros de comprimento e é propriamente uma espada. O desenho dos copos é do mesmo estilo dos da outra. Na folha diversifica, e apresenta uma singularidade, qual é a especie de arrendado que se vê aberto em toda a sua extensão. Suppõe-se ser ornato, pelo menos segundo o gosto d'aquelle tempo, e não ardil para melhor ferir, porque torna o ferro fraco, o que, comtudo, não obstou a que D. Nuno Alvares Pereira derrotasse com ella os valentes hespanhoes na celebrada batalha de Aljubarrota.

Esta espada é effectivamente aquella que o grande capitão portuguez empunhava no calor dos combates com que a antiga Lusitania fez tremer o mundo, pois se sabe que, por morte do seu primitivo dono, passára para a casa real, onde até agora se ha conservado com grande resguardo e maior estimação.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão. Rua da Boa-Vista 4 E